

Aula 2

A VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL

META

Apontar o estudo do “local” no campo da História Cultural e sua importância nas reflexões sobre o mundo contemporâneo globalizado.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
explicar a importância da história local para o ensino de História.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo da Aula 01.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou estimada aluna: acreditamos que o texto anterior causou em você uma boa impressão a respeito da importância da pesquisa histórica. Gostar de História é muito bom para quem está começando o curso agora.

Como estamos estudando uma disciplina sobre história local, faz-se necessário sabermos do que se trata e qual o seu lugar nos domínios da História.

Então, vamos começar!



(Foto do arquivo pessoal do autor).

HISTÓRIA MENOR?

A história local esteve quase sempre cercada por amadores, os chamados historiadores não profissionais. Seus trabalhos enfatizam os feitos heróicos de administradores, exaltam as grandes famílias e resguardam as memórias oficiais. Nos jornais de Sergipe, semanalmente, encontramos artigos de amadores exaltando personagens considerados importantes na História de Sergipe. Alguns livros sobre os referidos personagens, de igual forma, são publicados quase anualmente.

Mencionaremos esse tipo de produção no próximo texto. Falemos da história local na comunidade dos historiadores profissionais.

A história local também se fez presente entre os historiadores profissionais, mesmo que existissem fases em que ela estivesse em segundo plano, em repouso, mediante os desprezos dos que advogam uma História somente das “grandes questões”. Escondida, a história local muitas vezes foi vista como uma história “menor” (cf. BARBOSA, 1999, p. 118; JANOTTI apud SILVA, 1990, p. 80-101; GOUBERT, 1992).

Você deve estar se perguntando: o que seriam uma História das “grandes questões” e uma história “menor”?

Para entendermos melhor tal pergunta, consideramos oportuno indagar: quem e de que “lugar” decide o que é “grande” ou “menor”?

A história considerada das “grandes questões” formula reflexões sobre a História por meio de estudos que se pautam em grandes explicações de enorme amplitude, imbuídas do intuito de entender as macroestruturas de funcionamento de uma sociedade.

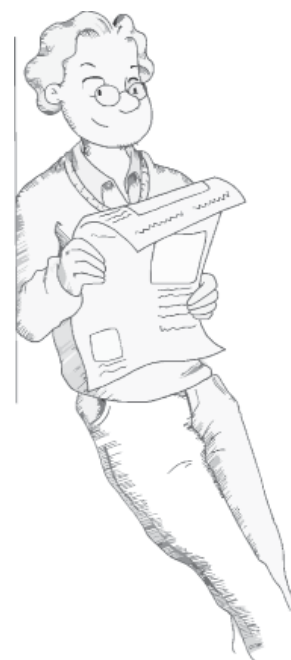
Os que criticam a história local a concebem como história “menor” porque tendem a depreciá-la como uma história virtualmente debilitada por sua íntima relação com a “superficialidade” localista e regionalista.

Vamos refletir melhor sobre o que é realmente uma história das “grandes questões”, fazendo mais uma indagação:

Será que toda a história dos “grandes temas” não é uma história generalizante, que toma como base a dinâmica da história de uma localidade política, econômica ou culturalmente hegemônica em determinado momento histórico?

Acreditamos que entendemos todas essas indagações a partir de como a noção de tempo e espaço é apreciada pelos que menosprezam a história local e valorizam uma história dos grandes temas, “uma história geral” ou “história nacional”.

Segundo Agnaldo de Souza Barbosa (1999), a história “generalizante” trabalha com



A criação do homem (detalhe), 1511-1512, óleo sobre tela, Michelangelo.

a noção de um tempo uniforme, comum a todos os espaços, e à história “local” “importa a apreensão do ‘tempo dos lugares’, o tempo realmente vivido por cada localidade, composto por uma amálgama de experiências distintas dos pólos hegemônicos num mesmo momento histórico” (BARBOSA, 1999, p. 120).

Para Barbosa (1999), o tempo da história vivida em São Paulo resgatado para a história conhecimento, por exemplo, não é o mesmo tempo das demais cidades do Brasil. Muitos estudos realizados por alguns historiadores – prossegue Barbosa – são muitas vezes transformados como grandes temas da História do Brasil, esquecendo que são pesquisas de história local. A classe operária de Franca (SP) – continua Barbosa – “não passou pelo mesmo tipo de experiência que a historiografia apresenta como válida para o operariado brasileiro como um todo” (Barbosa, 1999, p. 121). Para ele, a experiência da classe operária em São Paulo pertence ao tempo e ao espaço de um pólo dinâmico da economia brasileira, principal centro industrial e comercial, diferente de outras localidades brasileiras.

Temas, como a Revolta de 1930, a Proclamação da República e a colonização do Brasil são mais tradicionais, porque estão voltados para os grandes marcos da história política e econômica e ligados às macro-abordagens. Nesses estudos, os sujeitos históricos quase sempre são os mesmos: governantes, militantes políticos, sindicalistas, anarquistas, entre outros.

Não poderíamos incluir “novos” sujeitos como: um trabalhador rústico, mulheres, crianças, vadios, ativistas dos movimentos sociais contemporâneos (feministas, ecologistas, homossexuais, sem-terra, sem-teto), jovens, adolescentes, idosos, beatos, negros, mestiços e índios?

O RESSURGIMENTO DA HISTÓRIA LOCAL

A partir da década de 1950 houve o ressurgimento da história local, tanto na França quanto na Inglaterra, pautando-se por uma nova renovação da história conhecimento, impulsionada pelos rumos da história social e posteriormente da história cultural. Desde esse período, inúmeros estudos de “caso”, através da reconstituição familiar (casamentos, taxas de mortalidade e natalidade); do cotidiano das pequenas vilas e cidades; dos processos inquisitoriais; das revoltas urbanas e rurais, entre outros temas, foram estudados por diversos historiadores. Pesquisas sobre a história da família, da criança, da mulher, das atitudes e sentimentos, das cosmovisões, do imaginário e da cultura passam a incorporar-se às monografias da história local, focando diferentes regiões e períodos (cf. Rodrigues, 1997, p. 149).



(Foto do arquivo pessoal do autor).

Abria-se uma possibilidade de revisão das generalizações e das homogeneizações até então presentes nas histórias nacionais e histórias gerais, que negligenciavam o particular, o específico.

Você já compreende por que estudaremos a história local?

Leia atentamente o texto abaixo, do professor **Petrônio Domingues**, da disciplina “Introdução à História”, e em seguida responda o seguinte: por que estudamos temas de História de Sergipe?

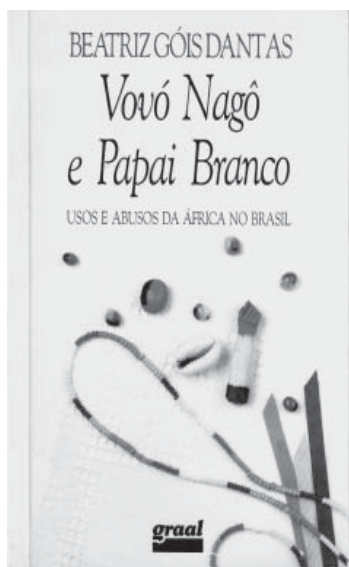
Ver glossário no final da Aula

Os estudos locais constituíram o embrião da chamada “micro-história”, corrente historiográfica cujo princípio básico consiste em reduzir a escala de observação do objeto, a fim de permitir verificar coisas que passariam despercebidas se fosse para utilizar uma escala de observação macro. Nada de aprender história do ponto de vista do telescópio e sim do microscópio. A partir dessa reflexão preliminar, lanço uma pergunta: qual a importância dos estudos locais para a história? Permitir resgatar as experiências de vida dos indivíduos, das famílias, dos grupos políticos, das comunidades religiosas, a partir do cotidiano de sujeitos que existiram de carne e osso.

A aplicação da noção de estudos locais possibilita incorporar temas ainda não tratados na história oficial, como, por exemplo, a biografia de pessoas “anônimas”, o relacionamento familiar, as religiões não oficiais, o lazer, as festas. Em suma, a noção de estudos locais permite conceber a história na perspectiva dos de baixo, dos vencidos. É por isso que hoje em dia passam a ser celebrados os estudos locais sobre grupos marginalizados, como a memória dos negros, índios, mulheres, idosos.

Na perspectiva do ensino, por que trabalhar com a história local? Porque é a partir de seu local (casa, rua, escola, bairro, vilarejo) que o aluno consegue mais facilmente ver sentido para os fatos que transcorrem num espaço geográfico maior. É a partir de sua realidade e posição (seja cultural, social, política e religiosa) que o aluno entende mais rapidamente o significado dos fatos mais amplos, que ele faz relações do específico para o geral e consegue compreender os acontecimentos e eventos do Estado, do País e do mundo. Portanto, a história local é um recurso didático eficaz. Não é por acaso que em alguns Estados a história local é bastante valorizada pela rede de ensino. Um deles é o Estado do Paraná. Lá, a criança e o adolescente, já no ensino fundamental, têm parte dos conteúdos escolares voltado para a história local (ou regional).

Já do ponto de vista acadêmico, enveredar pela história local tem seus aspectos negativos e positivos. Alguns argumentam que, nesse tipo de pesquisa, as conclusões podem desagradar pessoas, famílias, grupos políticos, religiosos, o que pode levar o pesquisador a ser submetido a um patrulhamento ideológico rigoroso. Um outro tipo de problema seria a dificuldade de ter acesso aos documentos e



Capa do livro *Vovô Nagô e Papai Branco*, da antropóloga Beatriz Góis Dantas.

registros históricos. Nem sempre as cidades têm uma preocupação de realizar um trabalho de preservação de seus acervos e arquivos. Porém, os aspectos positivos suplantam os negativos, daí, a pertinência da pergunta: por que os historiadores, antropólogos, sociólogos devem se voltar para os estudos locais, principalmente de sua terra natal? O pesquisador se envolve com mais afinco na empreitada intelectual. Ou seja, ele vai desenvolver uma pesquisa não só por obrigação acadêmica, mas por prazer, por paixão, e uma dose de paixão pelo tema de pesquisa é um elemento que jamais pode faltar. O estudo local permite preencher lacunas na história da cidade. Em outros termos, possibilita desvendar fatos e personagens esquecidos, desconhecidos, lendários, míticos. Finalmente, o estudo local pode servir de instrumento para projetar e dar visibilidade para cidade. Por exemplo, quando morava em São Paulo, eu primeiramente conheci a cidade de Laranjeiras por intermédio do livro da antropóloga, Beatriz Góis Dantas, intitulado *Vovô nagô e papai branco*, uma pesquisa que ela realizou na década de 1970 num dos terreiros mais tradicionais daquela cidade.

Portanto, eu concluo esse artigo conclamando a todos, estudantes, professores, pesquisadores, a conferirem mais importância aos estudos locais. Embora muitos argumentassem que, em função da globalização, iria haver a diluição ou perda da importância do local, os fatos vêm demonstrando exatamente o contrário. Foi a partir da globalização que houve uma revalorização do local, por meio de estudos que procuram entender o específico, o singular, afinal, é a partir do local que as pessoas atribuem significado, dão sentido para o global. Em outras palavras, é só a partir do local que se chega ao global e não o inverso”

(DOMINGUES, *Jornal da Cidade*, Aracaju, 06 de fevereiro de 2007, Opinião, Caderno B6).

CONCLUSÃO

Caro aluno ou estimada aluna: você percebeu como os historiadores procuram ignorar a “história menor”, que está mais ligada às pessoas e aos acontecimentos ditos comuns? Entretanto, é cada vez mais forte a presença daqueles que se posicionam contrários, procurando demonstrar que em tempos de globalização a história local tem muito a dizer sobre o mundo em que vivemos.



Escultura em madeira.
Zé do Chalé (José Candido dos Santos), s/d.



ATIVIDADES

Descubra no seu município algum acontecimento que foi vivido pela população e que não consta da historiografia oficial.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Exemplos de acontecimentos “não oficiais” de uma comunidade. Poderiam ser: um multirão para construção de uma estrada, reação popular à seca ou a invasão de bandidos em uma região.



RESUMO

Inicialmente procuramos apresentar a história local dentro da visão de que só os amadores escrevem os acontecimentos do dia-a-dia, seja através de jornais e revistas, seja por meio da publicação de livros. Apesar disso, alguns profissionais sempre trataram o tema com relevância. Inclusive, cabe o questionamento: quem decide o que é “história menor” e “história maior”? Verificamos como surgiu, inicialmente na Inglaterra e na França, na década de 1950, a importância de se estudar a “história menor”. Finalmente, concluímos a aula com o belo texto do professor Petrônio Domingos, que relaciona a história local com a micro-história e da sua importância global.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **A propósito de um estatuto para a história local e regional**: algumas reflexões. História e perspectivas. Uberlândia, 20/210: 117-128, jan/dez, 1999, p. 118.
- DOMINGUES, Petrônio. **A História e os estudos locais**. Jornal da Cidade, Aracaju, 06 fev. 2007, Opinião, B6.
- GOUBERT, Pierre. **História local**. História e perspectivas. Uberlândia, 6-45-47, jan./jun., 1992.
- RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. **História regional e local**: problemas teóricos e práticos. História e perspectivas. 16/17, jan/dez, 1997. p. 149.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Historiografia: uma questão regional?** In: SILVA, Marcos. **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. p. 80-101.
- NEVES, Joana. **O ensino de história local**. Cadernos de História. v. 5, n. 5, jan./dez. 1994. p. 19-26.

GLÓSSARIO



Petrônio Domingues: Historiador pernambucano. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Desenvolve pesquisas sobre a escravidão no Brasil.